

Como referenciar este texto:

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico Figueiró. Caminhada de uma psicóloga em prol da Educação Sexual, a partir de 1980, e a reverência a autores e obras pioneiras. In: RODRIGUES JÚNIOR, Oswaldo, M. (Org.). *Histórias de Las Sexologias Latino-americanas*. Vol. II. São Paulo: Instituto Paulista de Sexualidade, 2016. p. 49 – 66.

Caminhada de uma psicóloga em prol da Educação Sexual, a partir de 1980, e a reverência a autores e obras pioneiras.

Mary Neide Damico Figueiró

Nenhuma produção do conhecimento é uma produção isolada,
porque sempre se parte de algo já construído por outros.
*Karl Marx*¹.

É bom ter a oportunidade de parar para pensar nos caminhos que trilhei para me tornar professora, pesquisadora/autora e palestrante no campo da educação sexual, e para disseminá-la nos meios escolares, familiares, de saúde e outros. Posso destacar que foi uma caminhada solitária, pois fui a única docente do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina a trabalhar com a temática educação sexual, nos meus 30 anos de atuação profissional. Ao pensar a respeito, me dou conta, inicialmente, de que trechos dessa caminhada já estão registrados em artigos e capítulos de livros que publiquei. Assim sendo, peço licença ao leitor para retomá-los aqui, em alguns pontos, e, em notas de rodapé, indicarei em que obras ou revistas científicas já foram citados.

Nasci na primavera de 1955 e estudei por 9 anos, desde a pré-escola até a oitava série, num Colégio de Freiras Salesianas de Cambé (PR), minha cidade natal, na qual moro até hoje. Meus pais, pessoas simples, com muito pouco estudo pois frequentaram apenas os dois primeiros anos escolares. Tanto meu pai, quanto minha mãe sempre se mostraram muito sensíveis e com grande calor humano e respeito na relação com as pessoas, mesmo as mais simples e pobres. Acredito que isso contribuiu para minha formação humanizada e marcada pelo respeito ao outro, sobretudo aos diferentes.

Cursei Psicologia na Universidade Estadual de Londrina, tendo-a concluído em 1979. Durante a graduação, não² tive professor que ensinasse a respeito dos

¹ Pensamento adaptado das ideias de Karl Marx.

² A partir deste ponto, até o final do parágrafo, o texto é retirado das p. 23-24 do livro: *Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível* (FIGUEIRÓ, 2014).

conhecimentos científicos e metodológicos da educação sexual. Lembro-me que fui tentar ver com alguns professores se tinham material para eu ler e nenhum deles tinha. Até desejei fazer um trabalho de educação sexual com um grupo de garotas pré-adolescentes e tentei conseguir que algum professor me orientasse. Como os que procurei diziam que não sabiam como desenvolver o trabalho, eu o fiz por conta própria, juntamente com uma colega de curso, com um grupo de aproximadamente dez garotas de um orfanato de minha cidade. Foi uma ótima experiência, embora muito incipiente, porque sem supervisão. Cativamos a amizade das mesmas; foi nítido o bem que lhes fizemos. Quando chegou no último ano do curso de Psicologia, fui estudar terapia sexual, dentro do estágio de Psicologia Clínica. Fiquei fascinada por ver a sexualidade sendo abordada de forma séria, científica. Isto selou de vez meu vínculo com a temática. A partir daí, não parei mais de estudar sobre a sexualidade e falar dela como profissional e... é óbvio, de tentar vivê-la intensamente.

Na experiência com as garotas do orfanato, sem saber, minha amiga e eu acertamos na forma de trabalhar, porque nós as ouvíamos muito e dávamos espaço para que pudessem falar e expressar seus sentimentos, dúvidas e angústias relacionados à vivência da adolescência em um orfanato. Com o tempo, fui me certificando de que é essencial saber ouvir para se trabalhar educação sexual.

Ingressei na UEL em fevereiro de 1980 e, nos primeiros dez anos de minha atuação como professora universitária, meu trabalho no campo da educação sexual constituiu-se, predominantemente, de palestras para adolescentes, pais e professores, em escolas, quando convidada. Em algumas ocasiões, a palestra versava sobre sexualidade, namoro e, em outras, sobre relações humanas e/ou relações entre pais e filhos. Isto foi muito importante, pois me proporcionou *know-how* e um grande embasamento para a sequência de meus trabalhos. Fiz Especialização em Metodologia do Ensino Superior, na UEL, em 1983, e, em 1991, ingressei no Mestrado em Psicologia Escolar, na USP, de São Paulo, concluindo-o em março de 1995. Minha Dissertação consistiu na elaboração do primeiro Estado da Arte da Educação Sexual no Brasil (FIGUEIRÓ, 1995), um trabalho de muito fôlego, já que não existia *internet* na ocasião, a não ser alguns sistemas informatizados de uso de bibliotecários, o que possibilitou, às bibliotecárias da UEL, a localização de Dissertações e Teses defendidas entre 1980 e 1993, que eu usei como o *corpus* do Estado da Arte. Silva (2004), em sua Dissertação, que consistiu no Estado da Arte sobre pesquisas que tratam da formação de educadores sexuais, destaca a minha Dissertação, denominando-a: "Um estudo especial no campo da Educação Sexual", e apresentando um apanhado geral completo sobre ela. No ano de 1999, recebi o título de Especialista em Educação Sexual pela minha atuação profissional na área, título este atribuído

pela Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana (SBRASH), da qual sou membro desde 1995.

Sinto-me uma profissional privilegiada por ter tido contato e trocas, a partir de 1991, com duas grandes pesquisadoras e professoras universitárias, pioneiras na educação sexual. Uma delas, a psicóloga, pedagoga e livre-docente do Instituto de Psicologia da USP de São Paulo, Dra. Maria Amélia Azevedo, na época, conhecida por seu sobrenome anterior, Goldberg, foi minha orientadora no Mestrado e, em minha Dissertação, foi este o agradecimento que deixei registrado: "À Dra. Maria Amélia Azevedo, o meu muito obrigada pelo exemplo de pesquisadora e educadora seriamente comprometida com o bem estar social. Este foi, sem dúvida, o meu maior ganho no Mestrado!" (FIGUEIRÓ, 1995, p. 272). Ela é autora de um dos primeiros e notáveis livros: *Educação Sexual: uma proposta, um desafio* (GOLDBERG, 1982), e, com sua anuência, assim intitulou-se meu primeiro livro, *Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio* (FIGUEIRÓ, 1996; 2010), resultado da Dissertação.

A segunda pioneira, com quem tive contato, foi a Dra. Isaura Guimarães, docente da Unicamp, autora de um importante livro: *Educação Sexual na escola: mito e realidade* (GUIMARÃES, 1995), resultado de sua Tese de Doutorado, (GUIMARÃES, 1989). Foi membro de minha Banca de Defesa, tanto no Mestrado quanto no Doutorado, e dela recebi uma importante contribuição: o incentivo para que minha Dissertação se tornasse um livro e, até mesmo, o empenho em apresentá-lo à Editora Mercado de Letras, de Campinas, que aceitou. A EDUEL, porém, se interessou em fazê-lo e, assim, publiquei meu livro. Dra. Isaura ajudou-me, ainda, a reorganizar minha Dissertação para transformá-la em formato de livro, incluindo a mudança do impessoal para o uso da primeira pessoa, como autora do mesmo. Foi um marco importante, pois passei a escrever, a partir daí, todas as produções científicas na primeira pessoa do singular, o que, acredito, aproxima o leitor da autora e, como minhas pesquisas são sempre em uma abordagem qualitativa, assumir-se como autora é coerente.

Quero aproveitar este capítulo para também deixar registrado o nome de outra pioneira importante, que articulou trabalhos com Dra. Maria Amélia e Dra. Isaura. Trata-se da pedagoga Dra. Maria José Garcia Werebe, que, tendo participado da experiência de educação sexual no Colégio de Aplicação da USP, na década de 1960, publicou o livro *Educação Sexual na escola* (WEREBE, 1977), em que narra tal experiência. Nascida em 1925, faleceu em setembro de 2006, em Paris, aos 81 anos. Seu nome está incluído no livro: *Educadores brasileiros do século XX, organizado por Walter Garcia e publicado em 2002. (PROFESSORA..., 2007)* No Caderno de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, um Memorial em sua homenagem foi escrito

com depoimentos de pessoas que com ela conviveram. Na fala de Helena Hirata, nesse Memorial, fica clara a sua grande contribuição no campo da sexualidade e da educação sexual:

Maria José Garcia Werebe foi professora livre-docente do Curso de Pedagogia da Universidade de São Paulo. Perseguida no período da ditadura militar no Brasil, escolheu morar na França, onde pesquisou sobre educação sexual na escola, na qualidade de pesquisadora do Centre National de Recherches Scientifiques, entre 1972 e 1990. Realizou missões de trabalho para a Unesco e para o FNUAP em numerosos países da África e da América Latina, como perita em sexualidade e planejamento familiar. (PROFESSORA..., 2007, p. 276).

Por ocasião da elaboração de minha Tese, tive contato, por *e-mail*, com Werebe, que contribuiu com um parecer para minha pesquisa do Doutorado. Ao longo de toda a minha caminhada no Mestrado e no Doutorado, venho discutindo e chamando os pesquisadores para a reflexão sobre a questão de terminologias: educação sexual ou orientação sexual?; ou outras terminologias mais recentes: educação para a sexualidade, educação em sexualidade etc.? É em Werebe, em seus primeiros textos no Cadernos de Pesquisa, da Fundação Carlos Chagas, que me pauto para defender o termo educação sexual. Depois, fiquei feliz por ver que ela própria, em uma publicação da Editora Vozes, nas proximidades do ano 2000, referenda minha sugestão para a padronização.

Em seu livro *Sexualidade, Política e Educação*, Werebe (1998, p. 155) também fala de sua preocupação com os termos e definições adotados e, ao criticar o uso da expressão “orientação sexual” para designar o trabalho feito por educadores, afirma que seu uso “[...] se presta a ambiguidades, podendo ser usada como a orientação que a pessoa imprime em sua sexualidade e que pode ser homossexual, heterossexual e bissexual”. Comenta sobre a proposta que tenho feito de padronização do uso de Educação Sexual e, apoiando tal proposta, reforça-a: “[...] a expressão educação sexual já é consagrada e usada em praticamente todos os países” (WEREBE, 1998, p. 157, *apud* FIGUEIRÓ, 2014, p. 57).

Em termos de produção científica sobre o tema educação sexual, quando comecei a atuar na área, havia muito pouco material, sem dizer, que não contávamos com o auxílio da *internet* para a obtenção de textos. A seguir, considero válido deixar registradas algumas obras que me serviram de base teórica nos primeiros anos da minha caminhada, sobretudo na década de 1980 e na primeira metade da década de 1990, e, acredito, na de outros estudiosos da época também.

- *Educação sexual: debate aberto* (1982) e *Sexo e juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola* (1985), ambos de Carmen Barroso³ e Cristina Bruschini⁴. Os dois livros apresentam a experiência do desenvolvimento de um programa de educação sexual com jovens que, sob a coordenação dessas pesquisadoras, aconteceu na Fundação Carlos Chagas de São Paulo, em 1979. Em função do valor destas obras, bem como da experiência, considero as autoras, também, pioneiras na educação sexual. Para Cristina Bruschini, na ocasião de sua morte em 2012, o Cadernos de Pesquisa também publicou um Memorial com vários depoimentos. (CRISTINA..., 2012).
- *Por que o sexo é bom?*, da psiquiatra e sexóloga Gilda Bacal Fucs (1987). Professora de Psicopatologia Sexual da Faculdade de Medicina da UFBA, é também autora de outros livros; contudo, conheci e utilizei apenas o já citado.
- *Educação Sexual: uma proposta um desafio*, de minha orientadora Dra. Maria Amélia Azevedo (GOLDBERG, 1982), já citado em parágrafos anteriores.
- *Educação Sexual além da informação*, resultado da Dissertação de Mestrado do psicólogo Paulo Rennes Marçal Ribeiro (1990), de quem voltarei a falar mais adiante neste capítulo.
- *Educação Sexual: novas ideias, novas conquistas*, organizado pelo psicólogo Marcos Ribeiro (1993)⁵, hoje autor de livros de educação sexual para crianças e adolescentes.
- *Amor e sexo na adolescência*, da psicanalista Naumi de Vasconcelos (1985), autora, também de outras obras importantes, como por exemplo: *Os Dogmatismos sexuais* (VASCONCELOS, 1971).
- *Conversando sobre sexo; Sexo para adolescentes; e Papai, mamãe e eu*, os três da psicóloga Marta Suplicy⁶ (1987, 1988, 1990), respectivamente.

³ Carmen Barroso foi professora de Sociologia da Universidade de São Paulo. Entre outras participações em Organismos Internacionais, tem atuado como Diretora Regional da International Planned Parenthood Federation, Western Hemisphere Region (IPPF/WHR). (INTERNATIONAL..., 2014).

⁴ "Cristina Bruschini foi uma grande feminista e desenvolveu pesquisas que originaram-se em publicações valiosas, sobre os temas: gênero, mulher, trabalho doméstico, entre outros. É considerada 'pilar dos estudos de gênero no Brasil'". (RICOLDI, 2012).

⁵ Esta obra foi reeditada e ampliada em dois volumes, com o título: *O prazer e o pensar*. (RIBEIRO, 1999).

⁶ Como é de conhecimento geral, Marta Suplicy, hoje com 70 anos, passou a assumir cargos políticos notórios, entre eles: deputada federal, prefeita de São Paulo, senadora etc. afastando-se da produção literária sobre a sexualidade. Em alguns dos cargos, militou em causas sociais, como a defesa da união civil homossexual.

- *Sexualidade na Adolescência*, do médico, sexólogo e psicoterapeuta Moacir Costa (1986), falecido em 2006, aos 63 anos. Tive o prazer de, juntos, fazermos parte de uma mesa redonda, num evento em Londrina, aproximadamente, no ano 2000.
- *Sexo com liberdade*, do biólogo e educador Júlio César Machado (1987), que atuou pouco tempo na área da educação sexual e passou a ministrar *workshop* sobre relações humanas e motivação.
- *ABC do amor e do sexo*, uma obra traduzida, de autoria de Comfort e Comfort (1980).

Alguns desses livros têm edição mais recente, como o de Machado (2010) e Suplicy (1999), por exemplo, mas fiz questão de citá-los conforme a edição que eu utilizei nas etapas iniciais de minha caminhada. Outros teóricos brasileiros merecem ser citados por terem publicado importantes obras nas quais me apoiei, e que tratavam da sexualidade, em seu sentido amplo, incluindo visão crítica da repressão sexual e subsídios teóricos para a compreensão da história da sexualidade. Apenas para ilustrar, cito três dessas obras: - *Desvendando a sexualidade*, do filósofo e professor da Unicamp César Nunes (1987), *Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida*, de Marilena Chauí (1985) e *A Deseducação Sexual*, de Marcelo Bernardi (1985).

Merecem ser reverenciados, também, alguns autores e seus respectivos artigos científicos, publicados nos Cadernos de Pesquisa, da Fundação Carlos Chagas, que me foram fundamentais e, por isso, lidos e relidos dezenas de vezes:

- *Pesquisa sobre educação sexual e democracia*, de Carmen Barroso (1980).
- *Educação Sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão?*, um texto de Cristina Bruschini (1981), originado de uma mesa redonda sob sua coordenação, sendo as participantes Werebe, Marilena Cahuí e Maria Rita Kehl. Tive a honra de ter Cristina Bruschini como membro de minha Banca de Qualificação no Mestrado.
- *Os estereótipos sexuais na escola*, de Guiomar Namó Mello (1975).
- *A escola e as diferenças sexuais; e Educação Sexual na escola*, ambos de Fúlvia Rosemberg (1975, 1985), que também tive a honra de ter como membro de minha Banca de Qualificação no Mestrado.
- *A implantação da educação sexual no Brasil*, de Maria José Garcia Werebe (1978), uma das pioneiras já comentadas.

Gostaria de ater-me em um detalhe importante sobre as pesquisadoras que reverenciei como pioneiras da educação sexual no Brasil: Maria Amélia Azevedo, Isaura Guimarães, Maria José Garcia Werebe, Carmen Barroso e Cristina Bruschini. Considerando que Werebe, se estivesse viva, teria 90 anos, e Bruschini, 70, acredito que as demais devam ter entre 70 e 80 anos, ou mais, em 2015.

De acordo com o pensamento de Karl Marx, o qual citei na epígrafe deste presente texto, o que pude construir, em termos de prática e de produção teórica sobre a educação sexual, só foi possível a partir dos diálogos que estabeleci com todos os principais autores e obras citados neste texto. Percebo que, aos pesquisadores de hoje, falta o conhecimento destes textos-base e acredito que lhes seria útil lê-los, pois constituem um fundamento teórico básico do processo histórico da construção do conhecimento científico brasileiro sobre educação sexual na escola. Todos os autores os quais relatei, com as respectivas publicações -- todas elas ainda pertinentes -- foram fundamentais para minha atuação inicial, uma vez que não se tinha conhecimento de cursos de Especialização na área da sexualidade, na primeira década de minha atuação como docente, nem mesmo na década de 1990, sobretudo, na região norte do Paraná. Sei que corro o risco de ser injusta e deixar de citar algum/a importante pesquisador/a; eu apenas me ative aos que cruzaram o meu caminho, dentro das minhas possibilidades de localização da produção científica, na época.

Dando continuidade aos caminhos⁷ que percorri em direção ao engajamento com o trabalho de educação sexual, devo registrar que, após ter desenvolvido a Dissertação de Mestrado sobre o tema, de cunho eminentemente teórico, propus-me, logo em seguida, o desafio de trabalhar junto a professores, a fim de “prepará-los” e “acordá-los” para atuarem como educadores sexuais.

Desta forma, desde 1995, passei a coordenar, na Universidade Estadual de Londrina, um projeto de extensão universitária, que denominei: “Assessoria a educadores sexuais”. Era destinado a professores e profissionais ligados à área da Educação e da Saúde. O trabalho acontecia no campus universitário e consistia em Grupos de Estudos semanais, para um número médio de 20 integrantes cada, com a participação de estudantes da quinta série do Curso de Psicologia, como parte de suas atividades do Estágio Curricular. A cada ano, novos Grupos de Estudos eram criados.

Os Grupos formados no ano de 1997 – período em que tal experiência já havia adquirido um maior vulto – constituíram-se na origem da pesquisa do Doutorado (FIGUEIRÓ, 2001). Eram 55 integrantes distribuídos em 3 grupos: matutino, vespertino e noturno. Reunidos uma vez por semana, de maio a novembro, completaram um total

⁷ A partir deste ponto, o texto é retirado das p. 27-30, do livro de minha autoria: *Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível*, (FIGUEIRÓ, 2014), resultado de minha Tese de Doutorado. O texto retirado do livro está aqui transcrito até o ponto em que faço uma citação de Carmen Andaló (1995).

de 57 horas de Grupo de Estudos. Tendo chegado ao final, a maioria dos participantes falou sobre seu interesse em continuar por mais um ano.

Quando em 1998 ingressei no curso de Doutorado, decidi que faria de todo esse trabalho com os professores a base da minha Tese, para poder pensar com mais profundidade a questão da formação do educador sexual. Esta decisão pode ser considerada válida, se levarmos em conta a recomendação de Triviños (1987), de que “o foco de pesquisa de um estudante de pós-graduação [...] deve surgir da prática cotidiana que o pesquisador realiza como profissional.” Segundo ele, “A prática cotidiana e as vivências dos problemas no desempenho profissional diário ajudam de forma importantíssima, a alcançar a clareza necessária ao investigador na delimitação e resolução do problema” (p. 93).

Assim sendo, neste mesmo ano, ao invés de abrir novos grupos, convoquei as pessoas que participaram em 1997, do Grupo de Estudos, e apresentei a proposta de continuidade. Em 1998, portanto, passamos a nos reunir quinzenalmente, constituindo o que denominei de Mutirão Orientador (M.O.)⁸, sendo que a condição para integrá-lo era desenvolver um trabalho prático, formal e sistemático de educação sexual, junto a crianças ou adolescentes.

Nove professoras e um professor integraram o M.O. e, durante o ano todo de 1998, continuaram a vir até a Universidade, onde apresentavam seus planejamentos periódicos, relatavam passo a passo como haviam trabalhado, seus êxitos e suas dificuldades⁹. Recebiam, então, supervisão para o trabalho que desenvolviam e davam continuidade às reflexões e troca de ideias entre si. Também, mais uma professora, que participou do Grupo de Estudos de 1995, veio integrar o grupo, totalizando 11 participantes do M.O.

Durante o ano de 1999, não foi dado prosseguimento ao M.O., embora seus integrantes o desejassem, sendo deixados por conta própria em suas escolas, supondo-se que pudessem dar continuidade aos trabalhos. Ao final deste mesmo ano, entre os meses de novembro e dezembro, achei importante e necessário estar com eles, entrevistando-os, para dar-lhes voz e conhecer o que puderam realizar, como realizaram, se conseguiram, ou não, continuar ensinando sobre sexualidade, e assim por diante.

Propus-me estar com cada um dos elementos do M.O. para conhecer, principalmente, não apenas o que foi feito, mas o que eles pensavam sobre o que

⁸ O Termo *Mutirão Orientador*, eu o tomei emprestado de Dr^a Maria Amélia Azevedo, minha orientadora do Mestrado, que o usava para se referir às supervisões mensais e conjuntas que realizava com todos os seus orientandos.

⁹ Vários outros professores tentaram fazer parte do M.O., porém, foram impossibilitados pelas mudanças em seus horários de aula, no decorrer do novo ano letivo.

fizeram, ou sobre o que não fizeram, e como vinham construindo esse pensar. Desejava assim, chegar a uma compreensão mais ampla do saber e do saber-fazer docente em educação sexual.

Nessa etapa de entrevista, todos os 11 professores foram ouvidos, pois considerava que, mesmo com os que apresentaram dificuldades, eu poderia encontrar elementos que auxiliassem a compreender a dinâmica da construção do saber e do saber-fazer docente. Acredito que elementos dessa natureza podem estar não apenas nas experiências que caminharam conforme resultados esperados, mas também naquelas cujo resultado foi diferente do esperado. Por buscar compreender a construção do saber-fazer docente em educação sexual, é que considero fundamental o entendimento do processo dessa construção, muito mais que o produto final obtido por cada um dos professores.

Desta forma, foi um momento, também, em que parei para reavaliar e refletir sobre o trabalho que eu própria vinha desenvolvendo, na tentativa de “preparar” os professores para a educação sexual. Penso que esse exercício de reflexão se fazia, naquela ocasião, urgente e indispensável.

Essa necessidade de reavaliação justifica-se pelo apontamento feito por Andaló (1995) de que há “[...] carência de estudos críticos sobre os cursos de aperfeiçoamento [de professores] em seus pressupostos, conteúdos, na metodologia adotada, em seus resultados e significado para os destinatários [...]” (p. 20).

Este trabalho de formação continuada teve oportunidade de dar um grande salto¹⁰, quando, em 2005, o Ministério da Educação abriu concorrência para financiar “Projetos Capacitação/Formação de Profissionais da Educação para a Cidadania e a Diversidade Sexual”. A Universidade Estadual de Londrina foi contemplada, juntamente com mais uma universidade pública e 13 ONGs, dentre um conjunto de 95 projetos concorrentes. Assim sendo, o Projeto/UEL, de extensão universitária, ao passar à sua oitava edição, em 2006, agregou-se ao Programa Brasil Sem Homofobia, com o apoio do Ministério da Educação (MEC) e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). A partir daí, o projeto diversificou-se e ampliou suas ações educativas, passando a denominar-se: “Formação de Profissionais para a Educação Sexual, o Combate à Homofobia e a Promoção da Cidadania Homossexual”. A partir da inserção do GEES no Programa Brasil sem Homofobia, durante três anos e meio, o projeto passou a ser de caráter interdisciplinar,

¹⁰ Todo detalhamento a respeito do aperfeiçoamento e da ampliação do Projeto de Extensão, a partir de sua inserção no Programa Brasil sem Homofobia, do MEC/SECAD, pode ser encontrado no artigo publicado na Revista Brasileira de Sexualidade Humana (FIGUEIRÓ, 2007a) e no último capítulo acrescentado ao livro revisito, atualizado e ampliado: *Formação de Educadores sexuais: adiar não é mais possível* (FIGUEIRÓ, 2014).

pois, até então, era restrito ao Departamento de Psicologia. Assim, docentes e estudantes de outros departamentos/cursos da UEL passaram a fazer parte do mesmo, entre eles: Serviço Social, Ciências Sociais, Enfermagem e Biologia. Isto tudo aconteceu de 2006 a junho de 2009.

A verba recebida do MEC/SECAD/UEL oportunizou a realização de vários eventos sobre diversidade sexual, na UEL, incluindo a vinda de muitos profissionais militantes e pesquisadores deste tema, como Dr. Luiz Mott, da Universidade Federal da Bahia, Dr. Toni Reis, criador do Grupo Dignidade de Curitiba e ex-presidente da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais (ABGLT), Dr. Rogério Junqueira, Dr. Marcelo Augusto Toniette, Dr. William Siqueira Peres, Dr. Hugues Costa da França Ribeiro, Pós-doutor Fernando Silva Teixeira Filho e o militante Beto de Jesus. A verba recebida favoreceu, ainda, a contratação de psicólogos para supervisionar os educadores que desenvolviam projeto em suas escolas e deu condições para que fossem publicados e distribuídos, gratuitamente, 3 livros sobre educação sexual com foco na diversidade sexual. (FIGUEIRÓ, 2007b; 2009a; 2009b)¹¹.

Sempre gostei de realizar eventos sobre educação sexual, na Universidade, e fiz muitos deles; contudo, hoje, penso que poderia ter feito muito mais. Eram eventos considerados locais, mas que, posso dizer, foram regionais em sua maioria, já que, devido ao GEES, arrebanhavam pessoas das cidades circunvizinhas a Londrina. Um deles ficou em minha memória afetiva. A Pró-Reitoria de Extensão da UEL, por um período de dois ou três anos e, acredito que, por volta de 1997, desenvolveu o que se chamava "Área Verde", que consistia em um dia inteiro de cursos, abertos a todos os estudantes da UEL, de forma a favorecer que um estudante de Psicologia, por exemplo, participasse de um curso ministrado por um docente do curso de História, de Educação Física ou por aí a fora. Ofereci um desses cursos e ele foi de oito horas, no anfiteatro menor, conhecido, popularmente, como "piniquinho" (em paralelo ao "pinicão", o maior anfiteatro da UEL), o qual ficou lotado. Participaram estudantes de cursos bastante variados.

Havia um conjunto de eventos que, costumeiramente, eu realizava uma vez por ano ou em anos alternados: os Encontros de Educação Sexual. Nesses Encontros, os profissionais que já haviam participado do GEES e vinham atuando em suas escolas expunham sua experiência a outros colegas. O convite para o evento era distribuído às Secretarias de Educação, municipal e estadual. Além da divulgação do trabalho, o

¹¹ Estas obras estão disponíveis, em *pdf*, no site: www.maryneidefigueiro.com.br

relato da experiência servia para incentivar outros colegas a também abraçarem a causa, e significava, para o educador, um estímulo ainda maior ao seu trabalho.

Em uma breve retomada, esclareço que desenvolvi os trabalhos de formação continuada em educação sexual, conhecidos como GEES, de 1995 a 2012, perfazendo um total de 14 edições, que se encerraram com minha aposentadoria, em setembro de 2011, sendo que, no ano seguinte, ainda foram ofertados os GEES, sob minha coordenação. Vale a pena destacar que o GEES recebeu integrantes vindos, também, de várias regiões circunvizinhas a Londrina. Houve uma das cidades, por exemplo, Assaí (PR), a 45 km de Londrina, que, com o apoio da Secretária de Educação da cidade, por vários anos, oportunizou a participação nos Grupos de Estudo a muitas educadoras. A Secretaria encarregava-se de trazê-las com o transporte da prefeitura, tanto para os Grupos que ocorriam no período da manhã, quanto no da tarde. É importante dizer que, em todos esses anos, pude contar com apoio do Núcleo Regional de Ensino (NRE) de Londrina, responsável pelas Escolas Estaduais de Londrina e região e das Secretarias de Educação, de Saúde e da Assistência Social, tanto de Londrina, quanto de Cambé, cidade conurbada com Londrina, onde moro.

Considerando que o envolvimento dos Órgãos responsáveis pela Educação é fundamental para a continuidade da formação nos GEES, no ano de 2008, aproximadamente, fiz o empenho junto à Chefe do NRE de Londrina, Prof^a Márcia M. Lopes de Souza, para que o NRE se envolvesse mais concretamente com a formação continuada em educação sexual de seus professores, no sentido de planejar ações que viabilizassem a ampliação da formação continuada envolvendo o maior número possível de educadores, e oferecendo assessoria posterior à formação. Na ocasião, ela estava no início de seu mandato e foi muito receptiva, acolhendo a ideia e dizendo que pensaria a respeito. Inclusive, quando eu lhe disse que o GEES da UEL fez parte do Programa Brasil sem Homofobia, ela comentou que, no processo seletivo do qual participou, em Curitiba, para concorrer à Chefia do NRE, um dos elementos que constavam em sua proposta de ação era, justamente, investir no combate à homofobia, na educação para o respeito à diversidade sexual. Fiquei confiante em que ela pudesse abraçar a causa, mas ela não só não atendeu à minha solicitação, como também, do que me foi possível acompanhar, não fez trabalhos na linha da diversidade sexual.

Eu ainda continuei fazendo minhas tentativas; não desisti. Em novembro de 2012 participei de uma Mesa Redonda intitulada: *Tendências e Perspectivas da Educação em Gênero e Diversidade Sexual nas Instituições do Ensino Superior do Estado do Paraná*, na qual narrei minha atuação em formação continuada de

educadores, a partir do GEES e do M.O. Neste evento, que aconteceu em Jacarezinho (PR), participou, também, Melissa Golbert, funcionária da Secretaria de Estado da Educação (SEED), com sede em Curitiba (PR), responsável por todos os NRE do Paraná que, após ouvir minha explanação, falou sobre o grande interesse em que o GEES pudesse também ser desenvolvido junto ao NRE de Londrina e comentou, perante todos os presentes, que a SEED tinha verba suficiente para vários trabalhos e que o que faltava eram projetos para aproveitá-la. Orientou-me para que fizesse uma proposta por escrito e levasse até a Chefe do NRE, para que esta procedesse ao encaminhamento. Alguns dias após, fui até o NRE e a nova Chefe, Prof^a Lucia A. Cortez Martins, acatou a ideia e comprometeu-se em fazer o encaminhamento da proposta por escrito. O que me deixou bastante confiante foi o fato de que, quando entrei em sua sala, ela foi logo dizendo: *"eu lhe conheço; fiz o seu GEES!!"*. Contudo, mais uma vez, foi outra tentativa que não deu certo, embora eu fosse mantendo contato e demonstrasse interesse em que a formação continuada de educadores sexuais se concretizasse na rede estadual.

Outra tentativa, que vai na mesma linha, merece ser registrada. No início do ano de 2011, como estava previsto para me aposentar em setembro, procurei pela secretária de educação do município de Londrina e, também, de Cambé, cidade vizinha, a fim de propor o GEES de forma a compor uma equipe: seriam quatro psicólogas já formadas, minhas ex-alunas, com experiência na coordenação do GEES, e eu como coordenadora geral. A secretária de Cambé, de imediato, disse que tinha interesse mas não teria verba para isso. A de Londrina, Karin Sabec Viana, não só acolheu muito bem a proposta, como deu encaminhamento a todos os planejamentos. Participei de séries de reunião com sua equipe de ensino para definir todos os passos. Depois de tudo decido: programa de ensino, calendário, programação, definição de custos, local etc e, até mesmo depois da divulgação feita, começou a haver denúncias em relação a essa secretária de educação, por problemas na aquisição de uniformes escolares. A mesma foi demitida e todos os planos para a instauração do GEES na Rede Municipal de Londrina acabaram sucumbindo.

Voltando a falar de minha atuação, no campo da educação sexual na UEL, devo dizer que sempre foi uma atuação solitária, no que diz respeito ao envolvimento de outros docentes do meu departamento, pois, entre um grupo de mais de sessenta docentes psicólogos, apenas eu atuei nessa área. Idem para outros cursos e departamentos dessa Universidade. Na grade curricular de Psicologia, não havia disciplina de educação sexual. Nas vezes em que houve reuniões para mudança do currículo, empenhei-me para inseri-la, mas não obtive êxito. Sempre pareceu-me que apenas eu reconhecia a importância deste tema para os estudantes de Psicologia.

Lembro de uma colega dizer, numa dessas reuniões, que se fosse para inserir educação sexual, então teríamos que inserir educação do esporte... e citou outras especialidades que não me recordo. Quando retornei do Mestrado, em 1995, passei a atuar como supervisora de Estágio em Psicologia Escolar e, então, pude inserir a educação sexual como um trabalho de extensão universitária (os GEES) dentro do estágio, como já comentei. A cada ano, 10 alunos, às vezes 8, de uma turma de 80, estagiavam comigo, atuando como coordenadores dos Grupos de Estudos sobre Educação Sexual (GEES). Assim, os alunos aprofundavam-se teoricamente no tema e podiam vivenciar a liderança de grupos de formação continuada de educadores.

Nos meus últimos quatro ou cinco anos de atuação como docente, na disciplina de Psicologia Escolar, do 4º ano, foi incluída uma unidade sobre o meu tema, oportunizando que, durante um bimestre, com duas horas-aulas semanais, todos os 80 alunos pudessem estudar sobre educação sexual. Nessa fase final de minha carreira acadêmica, também ofereci, por um semestre, uma disciplina especial, intitulada *Educação Sexual na escola*, do qual participaram alunos dos cursos de Psicologia, Serviço Social, Pedagogia, História e Educação Física. Arrependo-me de não ter ofertado muito antes e, por mais vezes, esta disciplina porque verifiquei que foi muito válido e, segundo *feedback* de uma das alunas: "o fato de se ter agregado várias licenciaturas/graduações foi um ganho bem especial porque enriqueceu muito as discussões". Um dos retornos interessantes é de uma estudante do 4º ano de História, Luana Molina que, após cursar a disciplina especial, foi participar do GEES e, em seguida, foi minha orientanda no Curso de Especialização, desenvolvendo uma monografia (MOLINA, 2010) sobre diversidade sexual. Sobre este tema foi também a sua Dissertação de Mestrado (MOLINA, 2012) e, atualmente, ela é doutoranda na Universidade Federal de São Carlos (SP) e desenvolve parte dos seus estudos na Universidad Buenos Aires (UBA), na Argentina, onde acompanha a experiência de escolas específicas para pessoas LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travetis e Transexuais). Acredito que ela teria seguido esta carreira acadêmica voltada para a sexualidade, mesmo se não tivesse sido minha aluna, contudo, creio que para ela foi bastante significativo, fez e faz muita diferença em suas pesquisas e atuação profissional desenvolver seus estudos sobre diversidade sexual, ancorados em estudos sobre educação sexual. Digo isso porque é possível encontrar profissionais que se dedicam a um estudo específico na área da sexualidade, como por exemplo, gênero, diversidade sexual e DST/AIDS e, não necessariamente, estabelecem vínculo direto com o campo teórico da educação sexual.

O curso de Biologia da UEL, desde aproximadamente 1997, eu penso, oferecia a Especialização em Biologia Aplicada à Saúde. Por volta do ano 2000, empenhei-me

para que a disciplina educação sexual fosse inserida, mas fui a uma única voz a fazer a defesa junto ao coordenador do curso e, de novo, não obtive êxito.

É interessante registrar que, quando concluí meu Doutorado, no ano de 2001, fui convidada por um professor do Curso de Biologia da UEL para compor o quadro de docentes do Programa de Pós-Graduação no Ensino de Ciências e Matemática, alocado no Departamento de Matemática. O propósito do professor era que eu pudesse ficar responsável pela orientação de Dissertações com temas relacionados à educação sexual e sexualidade, já que o Programa não tinha quem o fizesse e ele vinha orientando com dificuldades. Achei a ideia interessante e já havia começado a pensar no programa da disciplina, quando, passados alguns dias, o professor vem me procurar para dizer que a equipe de docentes do Programa só aceitaria se eu ministrasse uma disciplina de Psicologia do Desenvolvimento Humano, o que eu não aceitei, pois considerava que era uma tarefa que a grande maioria dos professores do meu Departamento poderia fazê-lo, e eu queria espaço para a educação sexual.

Da mesma forma, aproximadamente no ano de 2005, organizei um programa de disciplina para ser ofertado no Mestrado de Educação da UEL e, levando comigo um ofício esclarecedor das justificativas de se ofertar uma disciplina de educação sexual, sentei-me com a coordenadora e a respectiva vice desse Programa. Lamentavelmente, não foi aceito, com a alegação de que o Programa já estava com excesso de disciplinas. Soube de algumas ex-alunas que se inscreveram no processo seletivo desse Mestrado, com um projeto em educação sexual e que não obtiveram aprovação. Segundo as próprias alunas, primeiro, porque não havia orientador/a para o tema e, segundo, porque os docentes da banca do processo de seleção consideravam que educação sexual não era pertinente à Educação e à Pedagogia. Uma das candidatas confidenciou-me que foi aconselhada, no momento da entrevista de seleção, a procurar o Mestrado em Biologia ou Ciências. Neste caso, fica clara a visão biológica e médica que, comumente, muitos professores universitários têm da educação sexual.

Estes dois movimentos narrados, em que "as portas para a educação sexual foram fechadas", vêm ilustrar, acredito, que, embora estejamos no século XXI, o tema educação sexual ainda continua encontrando barreiras, mesmo dentro da Academia.

Contudo, na vertente da pesquisa, a educação sexual pôde ser fortemente desenvolvida, na UEL, por meio da pós-graduação *latto sensu*, a partir do ano de 1997, aproximadamente, com a inserção de um Curso de Especialização¹² na área da Psicologia Escolar, do meu Departamento, que eu ajudei a criar. Neste curso,

¹² Esse curso ainda é ofertado na UEL, bianualmente, e intitula-se: Especialização em Psicologia no Contexto Sócio-educacional.

podemos inserir a disciplina Educação Sexual, por mim ministrada, e, a partir dela, várias monografias foram desenvolvidas, sob minha supervisão. Entre as autoras das monografias, estão professoras/es do Ensino Fundamental, da Educação Infantil e profissionais da Psicologia e de outras áreas. Sempre me senti muito realizada como orientadora de pesquisa. Apesar de não ter podido me incluir em nenhuma pós-graduação *stricto sensu*, porque não há Mestrado no Departamento de Psicologia do qual faço parte (agora como professora Sênior), desde a minha defesa no Doutorado, venho participando, continuamente, de Bancas de Mestrado e Doutorado, sobretudo, nos Estados do Paraná, São Paulo e Santa Catarina. Segundo consta em algumas Universidades que me convidam, a qualidade de "notório saber" é usada como justificativa para minha participação, uma vez que não estou vinculada a Programas de Pós-graduação *stricto sensu*.

Sem dúvida, o Mestrado foi uma linha divisória muito importante em minha carreira pois, a partir dele, passei a assumir e a defender a Abordagem Emancipatória da Educação Sexual, proposta por Dra. Maria Amélia Azevedo (Goldberg), inicialmente com os termos combativa ou política, ao invés de emancipatória. De forma bastante simplificada, esta abordagem tem como foco educar a criança, o adolescente e as demais pessoas, para que vivam bem, de forma feliz e saudável, a sua sexualidade. Contudo, vai mais além, porque cuida em formar cidadãos críticos e participativos da transformação social de todas as normas, comportamentos e valores relacionados à sexualidade, direta ou indiretamente. Assim, busca educar as pessoas para que vejam criticamente toda forma de opressão, desigualdade e discriminação e que sejam capazes de se envolver em lutas para eliminá-las e para melhorar as relações humanas, incluindo as sexuais. (FIGUEIRÓ, 2014)

Bem, toda minha caminhada, que até agora destaquei como solitária, teve um grande diferencial, quando, a partir de 1996, ocasião em que lancei meu primeiro livro, resultante do Mestrado (FIGUEIRÓ, 1996, 2010), conheci uma grande pesquisadora e estudiosa da educação sexual, Dra. Sonia Melo, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Ela estava organizando, juntamente com a Mestre Maria das Graças Soares, a *II Jornada Catarinense de Educação Sexual*, que ocorreu em Florianópolis, de 13 a 15 de outubro de 1997. Ao ver um cartaz do evento exposto na UEL, liguei para o endereço do contato e pude falar diretamente com a Dra. Sonia, e solicitei a ela se eu poderia fazer o lançamento do meu livro no evento. Antes de concordar com meu pedido, ela perguntou qual era a minha abordagem teórica e eu disse que meu livro era resultado de minha pesquisa de Mestrado, orientada por Maria Amélia Azevedo (Goldberg), que como afirmo acima, é uma das defensoras da abordagem emancipatória. Não precisei fazer maiores esclarecimentos, e por ser

adepta do mesmo enfoque teórico, Dra. Sonia, de forma muito alegre e expansiva, como é o seu jeito de ser, aprovou minha solicitação. Assim, ficou confirmada minha participação no evento, para o qual pude contar com um ônibus da UEL, e levar educadores da rede pública, integrantes do GEES e alguns estudantes da Psicologia.

A Jornada foi muito proveitosa e eu fiquei surpresa por ver participando, do lançamento do meu livro, Dr. Luiz Mott e Dr. César Nunes, duas pessoas a quem sempre tive muita admiração como profissionais. Dr Luiz Mott surpreendeu-me e me deixou muito feliz, por também aguardar pelo meu autógrafo, eu que estava dando os meus primeiros passos como pesquisadora-autora. Hoje o tenho como grande amigo, e em um de meus livros, *Educação Sexual no dia a dia* (FIGUEIRÓ, 2013), comento sobre ele, destacando a sua vida pessoal e de militante homossexual. De lá para cá, Dra. Sonia e eu selamos nossa profícua amizade, que nos tem levado a participar, juntas, de muitos eventos, por vários Estados, compondo mesas-redondas, por exemplo, e apresentando, conjunta e paralelamente, resultados de nossas pesquisas. Ela é a amiga e companheira com quem sempre troco ideias sobre tudo que se passa no entorno das lutas pela educação sexual, com quem analiso e discuto toda novidade ou fato marcante, como por exemplo, no caso ocorrido em maio de 2011 com o Kit anti-homofobia, denominado popularmente de "Kit Gay", em que o Ministério da Educação pretendeu distribuir nas escolas vídeos e outros materiais didáticos tratando do tema diversidade sexual, e foi vetado pela presidente Dilma. Também quando vou publicar algum texto, por exemplo, e sinto necessidade de trocar ideias sobre alguns aspectos, é a ela que recorro e..... aproveito para bater um papo, que acaba sendo sempre longo.

No período entre novembro de 2011, quando eu estava recém aposentada, e maio de 2015, Dra. Sonia e eu formamos uma equipe interinstitucional, para desenvolvermos uma pesquisa sobre Aborto¹³, cujos resultados (FIGUEIRÓ; MELO; MIRANDA, 2015) já foram apresentados e publicados em muitos eventos científicos. É dela um importante livro denominado *Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em profissionais* (MELO, 2001), que deveria ser lido por todos ligados à educação sexual, pois traz a voz de educadoras entrevistadas em sua Tese de Doutorado. É profundo teoricamente e comovente de se ler. Com essa grande amiga,

¹³ A pesquisa interinstitucional, aprovada pelo Comitê de Ética da UEL, que Dra Sonia Melo e eu desenvolvemos, incluiu alunas/bolsistas do curso de Psicologia da UEL e intitulava-se: *Aborto: significados e vivências de mulheres que o praticaram*.

assim como com Dra. Isaura Guimarães, pude dialogar e contar com algumas coorientações, no desenvolvimento de minha Tese¹⁴.

Dra. Sonia e eu criamos uma das redes potencialmente ricas para a educação sexual no Brasil, a partir do momento em que mais um amigo e grande pesquisador entrou em nosso círculo de amizade e de produção científica. Um encontro frutífero de três apaixonados e comprometidos com a educação sexual. Trata-se de Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro (1990), autor do livro já citado anteriormente: *Educação Sexual além da informação*. Em termos de registro histórico, penso que vale a pena narrar como nossos caminhos se encontraram. Eu o convidei para fazer parte de minha Banca de Defesa do Doutorado, ocorrida em 2001. A partir daí, fui convidada, algumas vezes, para participar de Bancas de Mestrado na UNESP de Araraquara (SP), onde ele é professor e criador do Mestrado em Educação Sexual, em vigor desde 2012.

Em 2004, Dr. Paulo veio à UEL, para participarmos juntos de uma Banca de Mestrado no Ensino de Ciências e Matemática. Em nosso encontro informal, após a Banca, surgiu a ideia de realizarmos um evento que unisse UEL e UNESP. Assim nasceu, em 2005, o I *Simpósio Paraná - São Paulo sobre Educação Sexual*, realizado em Araraquara. Convidamos minha amiga e companheira de estudos, Dra. Sonia, e ela trouxe, como sempre o fazia, sua turma de orientandas. Ao final, ela solicitou que o próximo evento passasse a ser II *Simpósio Paraná - São Paulo - Santa Catarina sobre Educação Sexual*. Neste II Simpósio, que aconteceu em Londrina (PR), na UEL, no ano de 2006, Dra. Sonia, Dr. Paulo e eu, decidimos homenagear Dra. Isaura Guimarães, uma das pioneiras, como já destaquei, que esteve presente e, por isso, deu mais significado ao nosso evento. O III Simpósio foi realizado em Araraquara, em 2008, ano em que o evento passou a se denominar, também, *I Congresso Brasileiro de Educação Sexual*.

Paralelo aos Simpósios e aos Congressos Brasileiros de Educação Sexual, supracitados, a partir de 2008, em Florianópolis, Dra. Sonia Melo cuidou de organizar *Colóquios sobre Grupos de Pesquisa sobre Formação de Educadores e Educação Sexual*. Nesses eventos, de caráter anual, tanto eu, da UEL, como Dr. Paulo, da UNESP de Araraquara, fazíamos também parte, como convidados, além de muitos outros pesquisadores. Colóquios, Simpósios e Congressos foram sendo realizados regularmente, até que, no ano de 2014, aconteceu o VII Colóquio, que já havia

¹⁴ Meu orientador do Doutorado, Dr. Celestino da Silva Júnior, não pertencia à área da educação sexual, por isso necessitei de algumas coorientações. É importante dizer, contudo, que Dr. Celestino dominava, brilhantemente o campo teórico da formação continuada e da profissão docente, temas esses fundamentais, também, em minha Tese.

passado à categoria de Internacional, juntando-se, neste ano, em Florianópolis, ao V *Simpósio Paraná - São Paulo - Santa Catarina sobre Educação Sexual* e ao III *Congresso Brasileiro de Educação Sexual*.

Tudo indica que este agrupamento de eventos deverá prosseguir por muitos anos. Assim esperamos.

Neste texto, em vários momentos, chamei atenção para o caráter solitário da minha caminhada, contudo, preciso deixar registrado que a UEL sempre teve muita consideração pela minha atuação como pesquisadora e militante na área da educação sexual, pois frequentemente obtive apoio de vários setores, entre os quais destaco: Pró-Reitora de Extensão da UEL (PROEX), Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-graduação (PROPPG), Rádio UEL FM, Coordenadoria de Comunicação Social (COM), Secretaria do Centro de Ciências Biológicas (CCB), onde o curso de Psicologia está alocado e, finalmente, a Editora da Universidade Estadual de Londrina (EDUEL)¹⁵, que me acolheu muitíssimo bem nos momentos em que apresentei minhas obras para publicação, obviamente, sem prescindir de passá-las pela avaliação do Conselho Editorial e demais trâmites da avaliação científica. O empenho, a competência e a forma atenciosa e respeitosa com que sempre fui tratada pelos vários diretores que pela EDUEL passaram e por todos os seus funcionários, me deixaram e me deixam muito feliz. Orgulho-me de ter três obras por esta editora, sendo que a primeira delas está na terceira edição, revista e atualizada (FIGUEIRÓ, 2010), e a segunda, em sua segunda edição, revista, atualizada e ampliada (FIGUEIRÓ, 2014).

O terceiro livro publicado pela EDUEL, *Educação Sexual no dia a dia* (FIGUEIRÓ, 2013), tem uma história um tanto singular. Estando no segundo ano do Doutorado, em 1999, eu o escrevi com base em extensão universitária e em pesquisa e o publiquei como edição da autora¹⁶, seguindo sugestão de colegas do meu departamento, que haviam publicado livro desta forma. Quando retornei para a universidade, após a licença do Doutorado, usava o livro como recurso didático nos GEES e assim eles foram vendidos, em sua maioria, para os participantes do GEES, por um preço módico. Acontece que eu doei exemplares deste livro para a biblioteca da Universidade do Estado de Santa Catarina, de Florianópolis (UDESC) e, segundo sempre me informara minha amiga e companheira de trabalho, Dra. Sonia Melo, os estudantes do curso de Pedagogia apreciavam (e ainda apreciam) por demais a leitura deste livro. Tanto é que ela convidou-me para publicá-lo em braile, pela UDESC, e

¹⁵ A EDUEL, a partir de 2015, está iniciando lançamentos de *e-books*, e já está previsto que os livros *Educação Sexual: retomando um proposta um desafio* (FIGUEIRÓ, 2010) e *Educação Sexual no dia a dia* (2013) serão assim publicados, também, neste mesmo ano.

¹⁶ Não recomendo a ninguém que edite um livro por edição própria, pois ele não tem o mesmo status e valor acadêmico que um livro publicado por uma Editora de renome.

sugeriu que eu consultasse a EDUEL sobre se haveria interesse em coedição. A Diretora da EDUEL, na ocasião, Maria Helena de Mouras Arias, juntamente com o Conselho Editorial, aceitou e "abriu as portas" para a impressão normal do livro, já que, segundo suas palavras, "se vamos fazê-lo em braile, acho interessante que o publiquemos, também, de modo impresso". Assim sendo, a obra foi encaminhada para os devidos trâmites de avaliação.¹⁷

A respeito desse livro, gostaria de comentar que sempre recebi excelentes *feedbacks* de educadores, *feedbacks* esses que foram e ainda são importantes para mim, pois me motivam a continuar meus esforços como pesquisadora/autora. Por isso, gostaria de deixar um deles registrado. Eu o recebi, no começo deste ano, por e-mail, de uma professora de Blumenau, Sta Catarina.

Recebi seu livro "*Educação sexual no dia a dia*" hoje pelo correio. Fiz a leitura e me encantei pela forma com que apresentou o tema Sexualidade e Educação Sexual. Esse livro é de grande importância para a minha vida pessoal pois me fez perceber que preciso me reeducar e vencer alguns preconceitos ainda tão fortemente enraizados na minha educação ou deseducação. Acredito que com a leitura do mesmo ampliarei o olhar e me tornarei (estou em processo) mais livre. Assim me sinto. Sobre a questão da escola, esse livro é de grande valia pois nos auxiliará a trabalhar com os preconceitos, os quais precisam ser sentidos e transformados. Agradeço a sua generosidade e atenção quando me ligou informando onde e como fazer para adquirir os livros. Estarei adquirindo os outros dois. Agora já sei o caminho rrsrrs.

Como a UEL oferece a alternativa aos professores aposentados para que possam continuar vinculados à ela na condição Sênior, não apenas por meio do *stricto sensu*, mas também por meio da extensão e/ou da pesquisa, eu dei sequência ao GEES, no primeiro e segundo ano de aposentada¹⁸ e iniciei um projeto de pesquisa sobre aborto, que ainda desenvolvo. E aqui se vê que, mesmo na condição Sênior, continuo tendo a atenção dos vários órgãos de apoio; assim, por exemplo, a Coordenadoria de Comunicação, recentemente, procurou-me para fazer uma matéria com resultados da pesquisa que venho coordenando. (CRUZ, 2015)

¹⁷ Na ocasião em que recebi o convite para a publicação do livro em braile, eu o já tinha revisto, atualizado e ampliado, e já o tinha apresentado à Editora FTD e à Moderna, porém não havia obtido aceitação.

¹⁸ Aposentei-me em setembro de 2011 e nos anos de 2012 e 2013 continuei ofertando os GEES. No campus da UEL, apenas em 2012, e, por meio do SESC e da FAUEL (Fundação para o Desenvolvimento da UEL), ofertei-os em cidades circunvizinhas de Londrina, tendo psicólogas formadas que foram ex-alunas minhas como ministrantes remuneradas do GEES.

Considerações Finais

Muitos estudiosos citados como pioneiros, ou como de grande contribuição nas décadas de 1970 a 1980, acabaram por mudar o rumo de suas pesquisas, não mais detendo-se, especificamente, na educação sexual. Apenas para ilustrar, Dra. Maria Amélia Azevedo tornou-se uma grande pesquisadora e autoridade científica no tema abuso sexual, com um rico conjunto de publicações a respeito. Assim, também, Cristina Bruschini e Carmen Barroso, como já destaquei. Contudo, sempre permaneci focada na educação sexual, mesmo que, paralelamente, e por um tempo de três anos e meio tenha me empenhado no tema diversidade sexual, por meio da Extensão Universitária, como já afirmei. Uma das características de minha atuação na educação sexual sempre foi atender, concomitantemente, ao Ensino, Pesquisa e Extensão, na universidade. Este foi citado como um ponto positivo, de minha Tese, por um dos membros da Banca de Defesa do meu Doutorado, Dr. Raul Aragão Martins.

Na UEL, a partir do ano 2000, aproximadamente, pude acompanhar, um pouco indiretamente, o comprometimento de outros cursos, como os de História, de Serviço Social, de Enfermagem e de Direito, com temáticas ligadas à sexualidade¹⁹, tais como, violência contra a mulher, gênero, abuso sexual, saúde sexual, diversidade sexual e aborto. Pude participar de alguns eventos, integrando mesas-redondas, por exemplo. Contudo, tenho observado que, quando se trata do tema mais amplo: educação sexual, após a minha saída para a aposentadoria, que se deu em 2011, a UEL não tem contado, até o momento, com professores que levem adiante a pesquisa e a prática da educação sexual.

Para finalizar, gostaria de deixar registrada uma experiência que vivenciei no início do Mestrado. Minha orientadora pediu-me, logo nos primeiros dias de aula, que eu escrevesse um texto sobre sexualidade. Foi uma solicitação simples, sem nenhuma diretriz. Escrevi um texto de aproximadamente sete páginas datilografadas. Após uma semana que eu havia entregue, Dra. Maria Amélia devolveu-me o texto, com um visto, e foi dizendo assim: "Guardo-o. Anote aí: *Ordem médica e norma familiar*, de Jurandir Freire Costa (1983). É um livro esgotado, mas você pode conseguir encontrá-lo. Ele vai ajudá-la a ver a sexualidade pelo seu lado cultural, que é o que lhe falta". Bem, depois deste livro, o único que ela me indicou foi *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*, de Richard Parker (1991), lançado no mesmo ano em que comecei a pós-graduação. A partir daí, fui me aprofundando, teoricamente, e apaixonando-me, cada vez mais, pelos estudos da sexualidade. Não

¹⁹ Em meu trabalho com Educação Sexual, todas essas temáticas são também contempladas nos estudos e nas práticas pedagógicas.

mais foi preciso que minha orientadora me indicasse outros livros, pois, a partir de Parker, fui buscando outros textos, seguindo leituras que ele fez e, assim, sucessivamente, o leque foi se ampliando. Finalizo dizendo que Parker e Costa, com suas obras aqui citadas, merecem também toda a minha reverência, porque fez muito sentido, naquele momento, a compreensão da interligação entre sexualidade e cultura que me proporcionaram.

Termino este texto agradecendo e reverenciando a todos os estudiosos e pesquisadores, que "desbravaram o caminho", possibilitando-me uma base de conhecimentos de qualidade. Também reverencio a todos os educadores e profissionais das várias áreas que vieram até a UEL participar dos GEES. Certamente, aprendi muito com eles, que me traziam os relatos da prática cotidiana dos ambientes escolares, das salas de aulas, dos ambientes da área saúde etc. Um movimento de mão dupla e contínuo de ensinar e aprender, onde todos saímos ganhando, sobretudo a educação sexual. Finalmente, meu respeito e meu agradecimento a todos os alunos e alunas do 5º ano de Psicologia da UEL, hoje psicólogos, que atuaram como coordenadores dos GEES, porque foram sempre meus grandes e maravilhosos parceiros.

E, para encerrar o relato sobre minha caminhada, deixo registrado o meu agradecimento à Universidade Estadual de Londrina, pelas licenças e dispensas do trabalho para dedicação ao Mestrado e Doutorado: licença concomitância, mais licença integral de dois anos e meio no primeiro caso e dois anos no segundo.

E, para encerrar o relato sobre minha caminhada, deixo registrado o meu agradecimento à Universidade Estadual de Londrina, pelas licenças parciais e integrais do trabalho para dedicação ao Mestrado e Doutorado.

REFERÊNCIAS:

- ANDALÓ, Carmen Sílvia de Arruda. *Fala professora: repensando o aperfeiçoamento docente*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BARROSO, Carmen. Pesquisa sobre educação sexual e democracia. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.34, p. 89-90, ago. 1980.
- BARROSO, Carmen; BRUSCHINI, Maria Cristina. *Educação sexual: debate aberto*. São Paulo: Vozes, 1982.
- BARROSO, Carmen; BRUSCHINI, Maria Cristina (Org.). *Sexo e juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BERNARDI, Marcelo. *A deseducação sexual*. Tradução de Antonio Negrini. São Paulo: Summus, 1985.
- BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha (Coord.). Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.36, p.99-

llo, fev. 1981. Mesa-redonda apresentada em evento com a participação de Marilena Chauí, Maria Rita Kehl e Maria José Werebe.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa desconhecida*. 9.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

COMFORT, Alex; COMFORT, Jane. *ABC do amor e do sexo: orientação sexual para adolescentes*. Trad. Silvio Rolim. [S.l]: Abril Cultural, 1980.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

COSTA, Moacir. *Sexualidade na adolescência: dilemas e crescimento*. 5.ed. São Paulo: L&PM, 1986.

CRISTINA Bruschini (1945-2012). *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 42, n. 145, Jan./Apr. 2012.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742012000100016>. Acesso em 14 ago. 2015.

CRUZ, Mirian Peres da. Dificil decisão. *Notícia*, Londrina, n. 1331, p. 4, ago. 2015.

GOLDBERG, Maria Amélia Azevedo. *Educação sexual: uma proposta um desafio*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1982.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Educação sexual no Brasil: Estado da Arte de 1980 a 1993*. 1995. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar) – USP, São Paulo, SP, 1995.

_____. *Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio*. Londrina: EDUEL, 1996.

_____. *A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites*. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília (SP), 2001.

_____. Ações contra homofobia em projetos de formação continuada de educadores. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 18, n. 2, p. 455 - 469, jul./dez. 2007a.

_____. *Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio*. 3.ed. rev., atualiz. Londrina: EDUEL, 2010.

_____. *Educação Sexual no dia a dia*. Londrina: EDUEL, 2013.

_____. *Formação de Educadores Sexuais: Adiar não é mais possível*. 2ª ed. rev. atual. ampl. Londrina: EDUEL, 2014.

_____. (Org.). *Homossexualidade e Educação Sexual: construindo o respeito à diversidade*. Londrina: UEL, 2007b.

_____. (Org.). *Educação Sexual: múltiplos temas, compromissos comuns*. Londrina: UEL, 2009a.

_____. (Org.). *Educação Sexual: em busca de mudanças*. Londrina: UEL, 2009b.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico; MELO, Sonia Maria Martins de; MIRANDA, Fabíola da Silva. *História de mulheres que decidiram pela Interrupção Voluntária da Gravidez (IVG): buscando elementos que auxiliem a embasar o olhar pró-escolha*. Relatório de pesquisa. Outubro, 2015.

FUCS, Gilda Bacal. *Por que o sexo é bom?: orientação sexual para todas as idades*. 2.ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

GUIMARÃES, Isaura Rocha Figueiredo. *Ilusão e realidade do sexo na escola: um estudo das possibilidades da educação sexual*. 1989. Tese (Doutorado em Educação / Metodologia de Ensino) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

_____. *Educação sexual na escola: mito e realidade*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

INTERNATIONAL Planned Parenthood Federation. *Carmen Barroso. Regional Director*. 2014. Disponível em: <<https://www.ippfwhr.org/en/who-we-are/carmen-barroso>>. Acesso em: 13 ago. 2015.

MACHADO, Júlio César. *Sexo com Liberdade*. Belo Horizonte: Fênix, 1987.

_____. *Sexo com Liberdade: Mudando Atitudes*. Belo Horizonte: Fênix, 2010.

MELLO, Guiomar Namó de. Os estereótipos sexuais na escola. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.15, p. 141-144, dez. 1975.

MELO, Sonia Maria Martins de. *Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em profissionais*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

MOLINA, Luana Pagano Peres. *Professores Homossexuais: Suas vivências frente à Comunidade Escolar*. Monografia de Especialização em Psicologia Aplicada à Educação. Universidade Estadual de Londrina, 2010.

_____. *Vozes de uma história: narrativa a partir de conhecimentos prévios de alunos sobre gênero e sexualidade*. (CAMBÉ/PR). Dissertação Mestrado em História Social. Universidade Estadual de Londrina, 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/14513>

NUNES, César Aparecido. *Desvendando a sexualidade*. Campinas: Papyrus, 1987.

PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.

PROFESSORA Maria José Garcia Werebe in memoriam. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 131, p. 273-280, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 ago. 2015.

RIBEIRO, Marcos. *Educação Sexual: novas ideias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

_____. *O Prazer e o Pensar*. São Paulo: Gente; CORES - Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999. Vol.1 e 2.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. *Educação sexual além da informação*. São Paulo: EPU, 1990.

RICOLDI, Arlene Martinez. *Cristina Bruschini, pilar dos estudos de gênero no Brasil, por Arlene Martinez Ricoldi*. 2012.

Disponível em: <<http://agenciapatriciagalvao.org.br/site-antigo/mulheres-de-olho-antigo/cristina-bruschini-pesquisadora-feminista-por-arlene-martinez-ricoldi/>> Acesso em: 12 agosto 2015.

ROSEMBERG, Fúlvia. A escola e as diferenças sexuais. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.15, p. 78-85, dez. 1975.

_____. Educação sexual na escola. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 53, p. II-19, maio 1985.

SILVA, Regina Célia Pinheiro. *Pesquisas sobre formação de professores/educadores para a abordagem da educação sexual na escola*. 2004. Dissertação. (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

SUPLICY, Marta. *Conversando sobre sexo*. 15.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

SUPLICY, Marta. (Sup.). *Sexo para adolescentes*. São Paulo: FTD, 1988.

_____. *Papai, mamãe e eu*. São Paulo: FTD, 1990.

_____. *Papai, mamãe e eu: o desenvolvimento sexual da criança de zero a seis anos*. São Paulo: FTD, 1999.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, Naumi de. *Os Dogmatismos sexuais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1971.

_____. *Amor e sexo na adolescência*. 12.ed. São Paulo: Polêmica, 1985.

WEREBE, Maria José Garcia. *A educação sexual na escola*. Lisboa: Moraes Editores, 1977.

_____. A implantação da educação sexual no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 26, p. 21-27, set. 1978.

_____. *Sexualidade, política e educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.